

**OS PATRIMÔNIOS DE DIAMANTINA/MG E SUAS NUANCES
NA FORMATAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL**

**THE PATRIMONY OF DIAMANTINA/MG AND ITS NUANCES IN
FORMATING LOCAL IDENTITY**

**LES PATRIMOINES DE DIAMANTINA/MG ET SES NUANCES POUR
FORMER UNE IDENTITÉ LOCALE**

Rahyan de Carvalho Alves

Doutorando em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais – IGC/UFMG. Professor da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.
rahyncarvalho@yahoo.com.br / <http://orcid.org/0000-0001-7225-5959>

José Antônio Souza de Deus

Doutor em Ciências (Geografia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professor Associado IV e Pesquisador do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais – IGC/UFMG.
jantoniosdeus@uol.com.br

Recebido para avaliação em 25/01/2019; Aceito para publicação em 10/05/2019.

RESUMO

O trabalho busca refletir sobre a importância do patrimônio histórico arquitetônico e urbanístico de Diamantina/MG, objetivando perceber sua relevância como elemento para a construção da identidade local, que venha emergir, num contexto de reflexão íntima e memorialística, como um sentimento de pertença do homem ao lugar. Adotamos como procedimentos metodológicos para a operacionalização da investigação: pesquisas bibliográficas, aplicação de questionários semi-estruturados de cunho quanti-qualitativo e entrevistas não diretivas (em reconhecimentos de campo) para os cidadãos. Destaca-se, nesse contexto, a execução de ensaios etnogeográficos, com suporte iconográfico, para alguns moradores de dois bairros da cidade de Diamantina.

Palavras-chave: Diamantina/MG – Brasil; Patrimônio; Identidade; Geografia; Homem.

ABSTRACT

The aim of this work is to reflect on the importance of the historical and urban heritage of Diamantina/ MG- southeastern Brazil, aiming to perceive its relevance as an element for the construction of local identity that can emerge in a context of intimate and memorialistic reflection, as a feeling of belonging to the place. In this way we adopted as methodological procedures for the investigation operationalization: bibliographical researches, application of semi-structured questionnaires of quanti-qualitative nature and non-directive interviews (in field surveys) for city dwellers. In this context, we highlight the execution of ethnogeographic tests, with iconographic support, for some residents of two districts of the city of Diamantina.

Keywords: Diamantina/MG – Brazil; Patrimony; Identity; Geography; Men.

RÉSUMÉ

L'objectif de ce travail est de réfléchir à l'importance du patrimoine historique et urbain de Diamantina/ MG- Brésil (état situé dans le sud-est du pays), dans le but de percevoir leur

pertinence en tant qu'élément de la construction de l'identité locale et en tant qu'élément émergeant dans un contexte de réflexion intime et mémorielle comme un sentiment d'appartenir à la place. Dans cette perspective, nous avons adopté comme procédures méthodologiques pour l'opérationnalisation du travail: recherches bibliographiques, application de questionnaires semi-structurés de nature quanti-qualitative et entretiens non directifs (dans des enquêtes de terrain) pour les citoyens. Dans ce contexte, nous soulignons la réalisation de tests ethnogéographiques, avec support iconographique, pour certains habitants de deux quartiers de la ville de Diamantina.

Mots-clés: Diamantina/MG – Brésil; Patrimoine; Identité; La Géographie; Les hommes.

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca refletir sobre a importância do patrimônio histórico arquitetônico e urbanístico de Diamantina/MG, objetivando perceber sua relevância como elemento para a construção da identidade local, em que venha a emergir, num contexto de reflexão íntima e memorialística, um sentimento de pertença do homem ao lugar.

Adotamos, nesta perspectiva, como procedimentos metodológicos para a operacionalização da investigação: pesquisas bibliográficas, aplicação de questionários semi-estruturados de cunho quanti-qualitativo e entrevistas não diretivas (em reconhecimentos de campo) para cidadãos. Destaca-se, nesse contexto, a execução de ensaios etnogeográficos, com suporte iconográfico, para alguns moradores de dois bairros da cidade de Diamantina. Vale ressaltar que os procedimentos metodológicos desenvolvidos foram executados durante a realização de um total de doze (12) trabalhos de campo (entre atividades do mestrado e doutorado desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais), efetuados entre os anos de 2012 / 2013 e 2018 / 2019. A seguir foi realizada a sistematização e contextualização dos dados e informações obtidas ao longo destes trabalhos desenvolvidos “in loco”.

Apresentamos a seguir os dados da pesquisa e algumas reflexões, iniciando-as através dos ensaios etnogeográficos, fazendo-se *a priori* necessário destacar a relevância destes diálogos, a escolha dos sujeitos diamantinenses e a maneira como os ensaios são apresentados.

ENSAIOS ETNOGEOGRÁFICOS: a memória como resgate da vida

Buscando perceber a relevância do patrimônio cultural de Diamantina/MG, enquanto elemento memorialístico, e vivo, que venha propiciar a construção de uma relação de pertença do homem ao lugar para a construção de sua identidade - podendo emergir e se destacar, aí, relações topofílicas e ou topofóbicas -, mostrou-se necessária à

realização de trabalhos de campo que se revestissem de um caráter etnográfico/etnogeográfico. A pesquisa foi construída ao longo de 12 (doze) campos realizados nos anos de 2012 / 2013/ 2018 e 2019 conseguindo construir uma relação de diálogo e reconhecimento entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador.

Destaca-se que a pesquisa é apresentada como elemento de compartilhamento que objetiva dividir olhares. Buscou-se ainda a elaboração de uma escrita que contemplasse a construção de um narrador-personagem (daí a presença da primeira pessoa na construção do discurso, indicado em muitos programas de pós-graduação, especialmente quando o trabalho assume em sua essência, base de investigação de cunho qualitativo), valorizando o diálogo entre o autor e o leitor, pois uma pesquisa não consiste apenas em descrever uma temática, envolvendo, além disso, e, sobretudo, uma postura de explicitar e lançar pontos de vistas, análises, percepções do autor, uma vez que nenhuma postura acadêmica, científica, é neutra, mas, é sim, marcada pelo olhar de quem pesquisa, do interesse daquele que tenta ver e sentir o seu objeto de estudo, além das escritas.

Para Ezpelete & Rockwell (1986), ensaios deste tipo representam um esplêndido método para estudos que enfocam o homem e suas formas de expressão sentida na relação construída entre o homem-ambiente; sendo tais métodos capazes de oferecer, quando bem planejados e executados, dados para condensarmos análises e interpretações de caráter subjetivo para se conseguir compreender o significado e significância, neste contexto, da paisagem e da cultura. Buscou-se com o ensaio se resgatar e se decodificar os sentimentos humanos por meio da construção da narrativa do sujeito, das suas percepções sobre o lugar e a sociedade, com a intenção de retratar a realidade conforme este a concebe. Buscamos, aliás, “[...] penetrar na intimidade dos grupos culturais, no vivido pelos homens, concretizado em visão de mundo, em histórias do mundo [...]” (ALMEIDA, 2008, p. 332).

Realizar o ensaio etnogeográfico é, para mim, sempre um desafio, pois, primeiramente tentar perceber nas pesquisas que destacam a sociedade diamantinense em termos dos seus principais aspectos culturais e socioeconômicos e a partir de diferentes linhas de pesquisa dos autores, é um trabalho árduo. Em segundo lugar, a fase do convívio com os moradores é extremamente delicada, pois com os trabalhos de campos (03) realizados, de certa forma alteramos- ainda que involuntariamente-, a dinâmica cotidiana destes sujeitos; e, portanto se saber a hora de iniciar, pausar e de parar um ensaio é algo extremamente importante, pois inevitavelmente começamos a fazer parte do convívio do Outro, devendo “dosar” os limites, ritmos e distâncias do envolvimento que a pesquisa nos proporciona (e não nos deixar-se envolver impulsivamente; o que se revela é um processo de amadurecimento diário).

Realizar a tarefa do contato com o Outro efetivamente é um exercício que demanda, portanto, cautela e sutileza, pois a cada ida a campo era percebido um sujeito com uma feição diferente, ao se escutar histórias (envolvendo muitos relatos dos desafios da vida) e se estreitar a relação pesquisador-interlocutor. E por fim, a última fase que percebo no exercício dos ensaios etnogeográficos, também desafiador, é a escrita; esta que se fez de volta ao campo, exercida, muitas vezes, ainda na Casa da Glória (Diamantina/MG), local de estadia de alguns campos e, que renderam reflexões naquele casarão.

Os ensaios etnogeográficos que realizei foram pautados no registro das informações com delicadeza e cautela ao ver, sentir e ouvir o Outro. Não se tratava de um ouvir de forma qualquer, dado que percebo o processo como uma vivência de se oferecer a palavra, não para ouvir o que se queira, mas para sentir o que o interlocutor tinha a dizer, interlocutor este que cedeu suas falas num contexto de diálogo. Nesta perspectiva, saber e aprender escutar, respeitando a especificidade do interlocutor, foi a nossa meta, pois o pesquisador que trabalha com a etnogeografia sabe que só “[...] alcançará a visão que o outro tem de si e do mundo pelo saber ouvir e pela sutileza do diálogo aberto [...]” (AUGRAS, 1989, p. 12). Como Uniarte (2013) destaca, é nestes diálogos que os dados se revelam para o pesquisador, pois, o interlocutor, aqui reconhecido como o sujeito da pesquisa, passa com o passar dos diálogos, a resgatar da memória, lembranças de seu passado, criando uma familiaridade com o pesquisador, que naquele momento passa a ser um companheiro nas horas das manhãs ou nos finais da tarde; buscando “conversas” que não sejam mecanizadas e vazias.

Os diálogos que realizei não tiveram um limite de duração; o tempo, aí consumido, foi definido/delineado de acordo com a disposição do sujeito. A grande questão do momento da experiência de ouvir o Outro, aí, era perceber que o diálogo tinha se encerrado quando o interlocutor não mais fazia depoimentos que vinham a acrescentar aportes significativos sobre a temática levantada, tendo sido sempre respeitada a sua condição emocional do interlocutor. Eu procurava perceber, aliás, a sua feição, pois, o se processo das nossas conversas se desenvolvesse de forma cansativa poderia proporcionar a redução da oralidade, ocorrendo a perda de dados que poderiam ser importantes para o andamento da pesquisa (TAMBIAH, 1985). E mesmo quando o interlocutor ficava em silêncio, procurava perceber o seu olhar, expressões faciais, gestos (como o movimento das mãos e o distanciamento, ou proximidade, comigo); procurando captar todo movimento que pudesse indicar o que aquele sujeito estava tentando expressar. Aliás, vale frisar que o silêncio ou a pausa na fala revelou ser uma possível reflexão do sujeito em busca do resgate

memorial, uma forma de mensurar aquilo que achava importante, ou a reflexão de que nem tudo era possível se dizer. Ressalte-se que:

[...] quando a narrativa dele é hesitante, cheia de silêncio, ele não deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que está escutando ou de preencher as pausas. Importante destacar que a fala emotiva e fragmentada do nosso memorialista é portadora de significações que nos aproxima da verdade. Nós temos que aprender a amar esse discurso tateante, as suas pausas, as suas franjas, com fios perdidos quase irreparáveis. Bem mais que um documento unilinear, a narrativa da testemunha mostra o real (BOSI, 2003, p. 197).

Neste caso, nos primeiros momentos nesta etapa da pesquisa o que busquei foi coletar informações em forma de descrições densas. Descrevemos tudo aquilo que podia ser absorvido do interlocutor, tentando extrair qualquer tipo de informação que era construída nos diálogos a partir da experiência e vivência do sujeito, tentando registrar as lembranças que rodeiam o seu mundo mais íntimo e trazendo para o mundo exterior os seus sentimentos através da fala e de suas feições. Tentando ser o mais sensível possível, pois a memória que se materializava em suas falas, com as diversas variações das entonações (ora suave, outras vezes nem tanto) é a maneira mais singular e própria com que o sujeito “[...] sente, percebe, imagina, lembra, ama e toma posição diante das coisas e dos outros. Tendo uma consciência de si como ponto de identidade e de permanência de um tempo interior que retém o passado na memória” (CHAUI, 2006, p. 130).

As falas, em suas diferentes apresentações, em que o sujeito ia desenvolvendo, me provocaram sensações reais, genuínas, me chamando atenção pelo conteúdo emotivo com que cada pessoa descrevia as paisagens, o lugar, as pessoas e as formas da vida diamantinenses. Sensação essa que era construída ao escutar cada palavra dos interlocutores, proporcionando-me construir, no imaginário, as formas de convívio e experiência que estes realizaram na supracitada cidade. O ensaio etnogeográfico, então, foi construído através do resgate memorial, dando valor ao mundo percebido que é, em primeiro lugar, um espaço de qualidades, mas também de estranhezas, bem como estruturando e dando forma aos sentimentos percebidos e os valores que os sujeitos forjam ao interagir com o mundo (BOSI, 2013). Neste processo a percepção foi então valorizada, pois a história pessoal e os sentimentos que dela emergem é a maneira do sujeito declarar/atestar que esteve no mundo. Mundo que “[...] é percebido afetivamente e valorativamente na memória, na fala e na expressão do homem” (CHAUI, 2006, p. 136).

A memória evocada pelos interlocutores é entrelaçada entre a memória-fluxo-de-duração-pessoal que proporcionou emergir as lembranças de fatos, pessoas e de espaços em Diamantina/MG, cujo significado é importante para eles, seja do ponto de vista afetivo,

seja do ponto de vista de fatos sociopolíticos. Juntamente com a memória social ou histórica que é, direcionada, nesse recorte territorial, pelos patrimônios e que possuem significado para vida íntima e coletiva, executando-se, assim, “[...] narrativas do passado de uma comunidade e, portanto, só existem na mente ou na imaginação, existindo a sua memória, dentre e fora de nós, surgindo a partir da fala ou de outras manifestações” (CHAUÍ, 2006, p. 141).

Tais memórias não são meras retenções de um dado, algum reconhecimento de algo que foi experimentado ou ainda simples recordações daquilo que conseguimos evocar. A função da memória não é como destaca Bosi (2013), reconstruir o tempo, ela é uma viagem estando no presente, é a maneira de garantir a nossa identidade com a nossa maneira de entendermos o mundo por aquilo que fizemos e somos, sendo inseparável do sentimento, do tempo, da percepção e da experiência de vida que alia o passado com a contemporaneidade.

Segundo Tuan (1983, p. 09), as memórias “[...] dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento”. Nessa perspectiva, em campo, a partir dos diálogos, provocamos à invocação da memória, possibilitando à escrita de tudo aquilo que podia e gravando (com o suporte de um plano de análise utilizado como norteador dos diálogos e dos pontos de observação) e anotando, em meu diário de campo, as minhas impressões.

O Diário de Campo constituiu importante instrumento para registro, tendo em vista, a natureza deste trabalho (FALKEMBACH, 1987); ele foi “companheiro inseparável” do pesquisador, pois serviu para anotar todas as observações de fatos, fenômenos sociais, além das minhas reflexões e comentários. O seu uso colaborou para o meu hábito da escrita e da observação em campo, buscando captar os aspectos do local, pessoas, ações e conversas, sendo registradas no momento e, posteriormente complementadas.

Nos trabalhos de campo realizados, foram coletadas diversas informações, e neste momento a necessidade de perceber as ordens das falas, dos acontecimentos, das impressões, mostrava-se necessário. E aí percebemos que nenhum acúmulo de informação é banal, quando informações específicas se transformam em dados significativos para a pesquisa.

[...] a ‘sacada’ na pesquisa ocorre quando - em virtude de algum acontecimento trivial ou não - só se produz porque precedida e preparada por uma presença continuada em campo e uma atitude de atenção viva. Não é a obsessão pelo acúmulo de detalhes que caracteriza a etnogeografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece pista para algo novo (MAGNANI, 2009, p. 136).

O ensaio etnogeográfico que busquei se pautou, ainda, numa perspectiva crítica dos fenômenos sociais, procurando se adotar, aí, uma compreensão “holística”, ou seja, adotando um método ou conjunto de métodos de descrição cultural que compreende uma atividade de escrita das culturas. Ou seja, de fazer ver a realidade com as palavras que os sujeitos revelam, articulada entre as relações visível e dizível, se inscrevendo numa rede de intertextualidade (GEERTZ, 1989).

Compreendo que realizar o ensaio etnogeográfico não consiste em apenas enveredar pelo campo e oferecer o exercício da palavra deliberadamente para o Outro, mas, como destaca Uniarte (2013), este é um exercício para se ver o mundo de maneira descentrada, uma forma de entendermos seriamente o campo que queremos pesquisar, num contexto em que pretendemos desvendar, num tempo em que se dialoga com pessoas que são tenham histórias e com certo tempo de vivência ali, bem como levando em consideração toda e qualquer palavra do interlocutor e tentando encontrar uma ordem em suas falas para, depois, ordenar uma escrita; onde tentei destacar as experiências dos sujeitos da forma mais realista e polifônica possível.

Nesta etapa foi utilizado, ainda, o suporte da iconografia, uma vez que para Barros (2005, p. 115) esta é “[...] uma excelente estratégia, pois desperta ao leitor os sentimentos vivos sobre um tempo passado ou ainda presente, trazendo uma rede de significados e interpretações”, bem como apresentando uma manifestação investigativa sensível e fidedigna, constituindo fontes de cunho social. Para o antropólogo brasileiro Koury (2013, p. 315), o recurso da iconografia colabora para representar um cenário ou um episódio, ajudando a descrever “[...] histórias ou estórias que contam, e remetem a narrações ou narrativas possíveis e passíveis de serem decodificadas”.

Consegui promover assim, uma interpretação do interacionismo simbólico que aqui assume o pressuposto de que a experiência humana é medida pela interpretação, a qual não se dá, a propósito, de forma autônoma, mas se constrói à medida que o indivíduo se integra. Percebo, então, que a fusão entre a **etnometodologia**¹, os ensaios etnogeográficos e o uso dos recursos iconográficos, valoriza as pessoas e revela os valores sociais presentes no contexto organizacional da comunidade, onde o objeto da pesquisa passa ser o sujeito (BARROS, 2004; MARCONI & PRESOTTO, 2009).

Trilhando o caminho que se julga mais adequado para abordagens que contemplam a análise cultural, a investigação esteve primordialmente preocupada com um enfoque

¹ Corrente sociológica que considera que a realidade socialmente construída está presente na vivência cotidiana de cada homem. E que, em todos os momentos, podemos compreender as construções sociais que permeiam a nossa história, principalmente através das conversas, realizando a investigação pela valorização do entender a vivência do Outro com o mundo (MARCONI & PRESOTTO, 2009).

qualitativo- tal como o explicitam/ decodificam Deus et al. (2018), levando-se em consideração todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

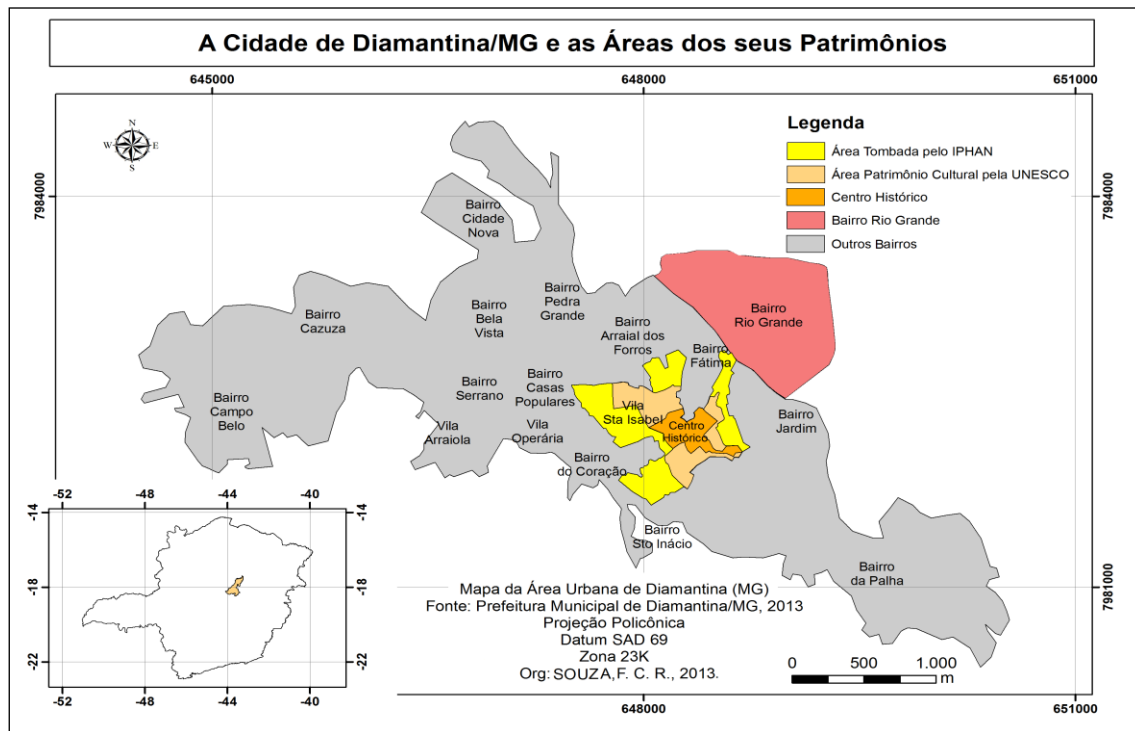
É relevante assinalar que numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor os diálogos dificilmente pode ser determinado a “*priori*”, dado que tal escolha depende da qualidade das informações obtidas em cada encontro/contato, assim como da profundidade e grau de recorrência das informações que vão sendo adquiridas. Pois, enquanto estiverem emergindo percepções e dados que possam indicar novas perspectivas à investigação, os encontros, precisarão ser realizados (BOSI, 2013). Em campo, quando foi possível identificar a importância da paisagem, no caso dos patrimônios, para os moradores, conseguindo chegar, no que Duarte (2002) descreve como ponto de saturação, deu-se por finalizado o trabalho. Neste caso o número de entrevistados adotado para atingirmos tal estágio foi de três (03) sujeitos. A seleção dos interlocutores, nesta etapa da pesquisa, se deu a partir da adoção de alguns critérios, tais como: (i) serem naturais de Diamantina/MG, (ii) estarem residindo na cidade há bastante tempo, (iii) pelo fato de dois sujeitos da pesquisa residirem próximo aos patrimônios tombados em Diamantina, em especial no centro histórico; e (iv) pelo fato de um sujeito da pesquisa residir em bairro contíguo ao centro.

Os critérios (i) e (ii) são, neste trabalho, importantes, pois, conforme Augé (2007) aponta, nascer em um lugar, não é um nascer qualquer, uma trivialidade ou causalidade do destino. O homem que nasce num local, com um tempo, passa a ser designado à residência; e esta por sua vez pode provocar no homem raízes com o seu ambiente, fruto da experiência, individual e coletiva que vai sendo construída, formando, assim, o seu lugar. Neste sentido, as condições pessoais dos interlocutores de serem naturais de Diamantina e estarem, significativamente, residindo nesta cidade (destaca-se que os sujeitos têm uma idade média de 80 anos, e não tiveram nenhuma experiência relevante de evasão temporária da cidade), remetem à importância do lugar. Lugar este que vai, aos poucos, sendo o espaço de nascimento, “[...] constitutivo da identidade, e sendo histórico para o homem a partir do momento em que, o tempo, os laços e a vida vai sendo construída, ficando marcadas histórias na sua memória. Memória que com o tempo se transforma em seu mais íntimo lar” (AUGÉ, 2007, p. 53).

Buscando perceber a relevância do patrimônio da cidade para a construção da identidade dos moradores, busquei no critério (iii) localizar dois sujeitos da pesquisa que tivessem residência próxima aos patrimônios tombados; e um sujeito que residisse em um bairro próximo ao centro em questão, critério (iv). Esses dois últimos critérios se

formataram na tentativa de avaliarmos as percepções de diferentes moradores que residem em regiões distintas na cidade; não tendo nós tido o propósito de realizarmos uma distinção entre centro e periferia, mas buscando, sim, analisar a relevância do lugar e do patrimônio para os sujeitos que residem para além do centro. Pelo Mapa 01, elaborado com o propósito de destacar as regiões que abrigam elementos tombados, podemos perceber a justificativa dos bairros escolhidos, onde contatamos nossos interlocutores.

Mapa 01 – A cidade de Diamantina/MG e as Áreas dos seus Patrimônios



Fonte: Prefeitura Municipal de Diamantina/MG, 2013. Organização: SOUZA, F. C. R., 2013.

Dado que, através do Mapa 01 podemos perceber que os elementos tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura situam-se, especialmente, na região do centro histórico da cidade (evidenciado em laranja), que corresponde à “*área-core*” dos patrimônios reconhecidos pelas instituições supracitadas, dado que ela detém número significativo destes elementos; justificando-se, então, a seleção de dois sujeitos residentes nestes lugares para a pesquisa. E buscando outro bairro que fizesse limite com o centro, escolheu-se um sujeito que reside no bairro Rio Grande (destacado no mapa, em cor rosa).

A pesquisa, então, se organiza, apresentando os ensaios e os diálogos dos sujeitos que estão inclusos no texto do trabalho na íntegra (inclusive com os erros linguísticos, em termos de expressão), promovendo um diálogo entre a visão do interlocutor com a análise do pesquisador. Preocupou-se, ainda, com a garantia do anonimato dos entrevistados,

observando-se que as citações de trechos dos diálogos foram acompanhadas, no texto do trabalho, apenas das letras iniciais dos seus nomes ou de pseudônimos (como alguns solicitaram), destacados e entre colchetes, e posicionados ao final do fragmento transcrito, exemplo: (RCA, 2014), sendo, inclusive, autorizada a publicação destas falas. Além disso, foi utilizada a interpolação, possibilitando explicações e ou comentários diante as narrativas dos sujeitos; por exemplo: [estava com a mão no rosto como se preocupado com algo feito no passado].

No subtópico a seguir, serão apresentados os ensaios etnogeográficos realizados com os três moradores diamantinenses, os quais busquei, aliás, desenvolver com uma escrita que destacasse um pouco do processo de pesquisa exercida em campo com esses moradores e as formas dos resgates das memórias que ali foram se materializando; produzindo, assim, um texto que pudesse narrar o desenvolvimento dos ensaios.

Vale destacar, neste sentido, que a narrativa imita a vida, e esta não se limita à reconstrução de fatos, ela se apresenta com um evento social, usado para expressar a compreensão de um momento que foi percebido, principalmente buscando interpretar o que o Outro diz, onde “[...] o narrador vence distâncias no espaço e voltar para contar suas aventuras num cantinho do mundo” (BOSSI, 2013, p. 84); representando as dimensões de uma realidade através de uma escrita que revela a interpretação e as lembranças que cada sujeito aqui faz das paisagens, do lugar, dos fatos vivenciados em sociedade, sempre assentados num plano de fundo cultural (GEERTZ, 1989).

DA MEMÓRIA À VIDA VIVIDA: ensaios etnogeográficos com alguns diamantinenses

Em um dos trabalhos de campo realizados em Diamantina/MG, pensei em quem procurar para realizar os ensaios etnogeográficos, mas não queria escolher um sujeito que fosse apontado pela comunidade como o “protetor ou guardião da história local”, pois gostaria de ir de encontro a um diamantinense que fosse capaz de explicitar a sua história e que a partir desta eu fosse capaz de extrair alguma evidência da presença e ou importância dos patrimônios para a sua vida.

Para tanto busquei realizar o trajeto que várias pessoas executam diariamente naquela cidade, objetivando “encontrar”, nessa empreitada, um sujeito que pudesse me contar um pouco de sua história – e vale ressaltar que esse trajeto não me era estranho, uma vez que já o tinha feito em visitas e no reconhecimento de campo executado no mês de março. Fiz um trajeto em que percebia um número de transeuntes significativo; tendo o

iniciado descendo pela rua da rodoviária e indo à rua São Francisco (que mais parece uma ladeira de tão íngreme...), via esta em que me deparo com o museu de Juscelino, outrora Casa de J. K. e, à frente, no final da rua, encontro o prédio do Fórum e a Igreja de São Francisco, esta última com sua escadaria constituída por pedras e cercas de madeira pintadas de cor marrom.

No final da rua me deparo, ainda, com uma pequena praça que destaca, em sua parte central, a estátua de Juscelino Kubitschek ao lado de algumas palmeiras; e ao fundo, uma serra em que se avista o cruzeiro (FIGURA 01). Nesta praça, percebo alguns taxistas, parecendo aguardar passageiros; estudantes andando em direção ao ponto de ônibus que se destina ao campus da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, e mais à frente vejo alguns cidadãos locais e moradores de distritos próximos, sentados em pequenos bancos, conversando, como se estivessem aguardando algum transporte coletivo.

Figura 01 – Estátua representando J. K. (Diamantina/MG)



Fonte: ALVES, R. C. (2012).

Continuo caminhando, observando estas pessoas e objetivando ir de encontro a alguém para tentar compreender um pouco da sua história e tentar reviver a relevância dos patrimônios tombados para ela- patrimônios estes que estavam ali, à disposição de todos, fazendo parte do cotidiano de moradores e de turistas. Estes últimos logo identificados, pois paravam para olhar as paisagens e tirarem fotos, muitas vezes com uma feição de cansaço, talvez pelas idas e vindas entre ruas e becos daquela cidade.

Estava naquele momento na região que podemos considerar como parte central da cidade, onde se encontra um chafariz, ladeado pelo Museu do Diamante; e mais à frente vejo a antiga Escola Normal e a Catedral de Santo Antônio de Sé. Olhando para a Catedral ficava percebendo, em meio a tantas pessoas que passavam pela rua (em especial a rua direita), um guia turístico com seu grupo, taxistas em frente à Catedral com se estivessem esperando clientes, e um rapaz magro que caminhava em companhia de sua mãe que

parecia sair de uma mercearia próxima ali. Olhando para tal cena refletia o quanto é viva a cidade que tem, ali, sua história destacada pelos patrimônios (alguns já mencionados) e estando as pessoas utilizando aquele espaço para realizarem suas atividades; mas continuei fazendo o meu trajeto- percurso, enquadrado nessas paisagens e eventos, que me fazia refletir, a todo o momento, que patrimônio cultural é essa cidade que promove a preservação com a dinamicidade das atividades do dia a dia. Encontrei, naquela área de concentração de bens tombados, as mais diversas atividades, desde uma simples compra feita por um cidadão na mercearia com o nome “Tem Tudo” (em frente à Catedral), até uma compra em uma das “*grifes Diamante*” (ao lado do museu homônimo).

Com essa percepção que tive no percurso, desde a Rua São Francisco, parando na praça J. K. e adentrando a rua Direita, prossegui na caminhada; e quase de frente à casa da Chica da Silva me deparo com uma residência que sempre me chamou atenção quando passava naquele bairro: uma casa que têm cinco (05) sacadas, todas com pinhas de diferentes cores, possuindo grandes janelas, vidraças; com a fachada pintada de branco em que se destacam os detalhes em verde, das cimalthas, além dos cachorros e das treliças; tendo um elemento inusitado que são parreiras de uvas que recobrem as sacadas (parecendo que brotam da casa e, aos poucos, caem no telhado) (FIGURA 02).

Figura 02 – Fachada da residência do Sr. Zuzu (Diamantina/MG)



Fonte: ALVES, R. C. (2013).

Próximo a esta casa avistei um senhor que estava sentado em um banco à sombra de um abacateiro; personagem que parecia calmo e estava tentando resolver um caça-palavras; homem de baixa estatura, magro, com cabelos bem curtos (e muitos fios brancos), com um bigode ralo, vestindo uma camiseta de manga, uma bermuda de cor marrom e calçando um chinelo de couro amarelo. Não estranhei ao vê-lo ali, dado que já tinha conversado com ele algumas vezes, pedindo informações ao passar naquela rua para visitar

a casa da Chica da Silva. Porém, desta vez foi diferente, pois ao parar para perguntar a ele se sabia de quem era aquela casa com parreiras ele, prontamente respondeu: *“Esta casa que tem belas parreiras e essas uvas aí em cima? Essa casa aí é minha, meu filho [...]”* (sic) (ZUZU, 2013). Naquele instante descobri o dono daquela residência e, para a minha alegria, conheci o senhor “Zuzu”, que viria a ser um porto em meu trajeto e um dos sujeitos que contribuiu para os ensaios.

Senhor de 84 anos, motorista aposentado, natural de Diamantina, ele me abriu as portas da sua casa, proporcionando-me alguns encontros que desencadearam em diálogos (que iam se construindo nos inícios das manhãs e indo até o fim do dia). Naquele tarde em que o conheci fui falando da minha curiosidade em conhecer a história de Diamantina pelo depoimento dos seus próprios moradores, tendo ele então declarado que teria prazer em falar da sua cidade e, logo foi me mostrando a sua casa; frisando, com orgulho, que todo mundo que naquela rua passava achava a sua residência a mais bonita do centro. Para ele aquela parreira de uva, que enfeitava a sua casa, chama atenção de todos, principalmente dos turistas, pois:

Todo mundo que passa nesta rua olha para esta casa, não sei mais acho que é porque moro perto da casa da Chica da Silva, perto da casa do arcebispo que mora ali também do lado, e da igreja da Chica. Mas, também por causa da parreira né(?), olha as folhas delas, estão bonitas demais. Eu acho que é mais por causa da minha casa [risos] que eles olham a rua [turistas e moradores local], isso sim. A parreira parece até de plástico de tão bonita [risos] né, além de ser diferente porque em nenhuma casa daqui você vê essas uvas nas sacadas [...] (sic)- (ZUZU, 2012).

O Sr. Zuzu espontaneamente começou a me apresentar a sua casa e destacou que várias pessoas falam de sua residência quando estão passando naquela rua, mas poucas entram aí. Então, passei pela porta de cor verde que dá acesso a sua casa e me deparei com uma sala, em que uma de suas paredes destaca-se por terem sido penduradas nela, alguns quadros com fotos antigas, além de conter um sofá cinza, duas cadeiras vermelhas e um armário antigo que suportava um televisor e um pequeno rádio de pilhas. Em seguida, este senhor me mostrou o corredor que dá acesso à cozinha, ao quintal e às chamativas sacadas, tendo sido este o espaço físico a que tive acesso em sua residência, durante as nossas conversas.

Ao entrar naquela sala, fui convidado a me sentar no sofá onde começamos a dialogar sobre a cidade de Diamantina e seus patrimônios. Inicialmente pensei em o que dizer (?), por onde começar (?), o que falar (?), então, quando o interlocutor se sentou perguntei-lhe: “O senhor gosta de Diamantina?”. “Seu” Zuzu abriu um leve sorriso e me

respondeu com outra pergunta: “*Mas que pergunta é essa, meu jovem? Pensa comigo, melhor venha cá*” (sic) (ZUZU, 2012).

Neste momento nos deslocamos da sala, e fomos caminhando rumo ao corredor até nos depararmos com uma sacada de sua residência. Naquele espaço, entre a sacada e as parreiras, o Sr. Zuzu (2012) destacou: “*Gostar daqui, eu gosto. E sabe por quê? Hoje eu moro aqui sozinho, nesta casa, mas foi aqui [em Diamantina] que casei com uma mulher muito boa, mas que já foi embora [faleceu]. Ela me deu uma filha que hoje mora em Belo Horizonte. E quando eu venho para cá [sacada] só [me] lembro delas [...]*” (sic).

Sacada esta que de onde avistávamos o cemitério, que por sua vez fica bem próximo à residência deste senhor. E ali, entre as parreiras de sua sacada, o Sr. Zuzu também sublinhou que não quer ir embora de Diamantina e nem de sua casa:

Para [você] ter ideia, quando minha filha vem pra cá, pois ela mora em BH hoje né, ela fala: “Pai, pai, vai embora comigo”. Mas, eu não saio daqui, daqui só se for pra ali oh meu filho [apontando o dedo indicador como se direcionasse o local que quer ir], lá para aquele cemitério, vou para junto com os meus amigos, daqui não saio. Porque se foi aqui que nasci, que trabalhei, que vivi... que sei das coisas da vida e que aprendi foi aqui né(?), tenho que morrer aqui [...] (sic) - (ZUZU, 2012).

Entre as palavras que o Sr. Zuzu lentamente ia pronunciando, ele não conseguia desviar a direção do seu olhar para além da sacada de sua casa, como se as palavras fossem resultados de uma reflexão, de um resgate memorial que emergia atrelado à representação que a paisagem, ali na sua frente, oferecia.

Indaguei qual o motivo o faz querer ficar em Diamantina, além das lembranças que tem da filha, da mulher, da família que ele construiu e constituiu ali. Neste momento, este senhor virou o rosto em minha direção e disse:

Olha ali [apontando o dedo indicador da mão direita], bem na sua frente, quando eu estou aqui na sacada da minha casa eu fico quieto, fico olhando para a casa da Chica, para o palácio do arcebispo, olha que ele morou bem aqui na rua, nesta casa aí. Depois, eu olho para o outro lado vejo a igreja do rosário. Tenho a minha casa como o centro da minha vida, porque tudo que eu vivi e sei e que eu já vi nascer foi aqui, e que muitos falam que é história (sic) (ZUZU, 2012).

Fiquei olhando para o Sr. Zuzu como se tentasse imaginar o que passava na mente daquele senhor para me dizer o quanto queria ficar em Diamantina. E, na sequência, surgiu mais um sinal do quão aquele homem se sentia ligado à sua casa, e da história que ali se construiu, pois, ele me convidou para ir ao quintal da residência para me mostrar “[...] *mais uma das coisas que é minha e faz parte de mim*” (sic) Zuzu (2013).

Andando pelo corredor, quase no final desta, nos deparamos com uma pequena porta que dá acesso ao quintal da residência- que é pequeno, mas abriga algumas

jabuticabeiras e uma grande parreira de uva que deixa uma sombra de tamanho considerável. Naquele quintal, o senhor Zuzu destacou que nenhuma cidade na qual ele foi é igual a Diamantina. Pra ele: “[...] *Diamantina não é apenas a cidade que leva muito nome de filmes, livros, poesias, de histórias. Diamantina é isso aqui oh, é o fundo do quintal da gente. É o lugar que a gente vai a qualquer canto e conhece todo mundo, parece que a cidade é um quintal*” (2012).

Para o Sr. Zuzu a admiração que todos têm pela beleza e pelos detalhes da sua casa o deixam com muito orgulho, mas as histórias e as lembranças que tem do lugar reforçam a sua importância e justificam a sua preservação, pois através dela pode-se “[...] *ter essas lembranças, porque aqui é o melhor lugar. A minha casa é aqui, e aqui que eu [me] lembro de tudo. De pessoas que vinham... de vizinhos e até o J. K.*” (sic) - (2012). Para o interlocutor a sua casa é o seu espaço de aconchego, e ela lhe desperta impressões que se assemelham muito àquelas que ele tem da cidade de Diamantina como um todo, pois para ele não existe lugar mais calmo para se morar.

*Eu acho essa cidade maravilhosa, essa cidade é tranquila. Pode ser que eu queime a minha língua, mas aqui ninguém assalta ninguém, não tem briga, não tem nada de muito perigoso. Minha filha que foi pra BH, nasceu, cresceu e foi criada aqui. Ela vem com os filhos delas e o marido passear e vem nas festas. Ela vai no Clube Acayaca, perto da Catedral e do Beco do Mota. Aqui todo mundo conhece todo mundo; não tem lugar melhor de viver. Olha esse quintal, aquela rua que a gente estava na porta; olha que paz; que paisagens bonitas dessas sombras [produzida pela imagem da parreira], até as telhas que são antigas, com as asinbas, ali eu acho bonito, tudo da minha época. Ai eu te pergunto: você que não é daqui: **“tem lugar melhor?”** [risos]. **No meu consciente não.** (sic) (ZUZU, 2012, grifo nosso).*

Já na sala da sua casa, o Sr. Zuzu, sentado no sofá, indagou sobre a motivação da minha pesquisa sobre Diamantina (?), porque de falar das casas, das ruas, do patrimônio (?). Destaquei a importância que vejo da história gravada nas paisagens da cidade que narram acontecimentos do país; cidade esta reconhecida como um Patrimônio Mundial. E no meio da minha resposta ele levemente sorriu e assinalou:

Eu acho as paisagens daqui bonitas, eu vejo tudo desde a minha época como que era e, olhando para elas [paisagens] eu [me] lembro da minha história, da história da minha mulher, da família mesmo. Mas eu não sei o que é de tão importante esse Patrimônio. Eu não sei por que eu não vi nenhuma diferença das coisas aqui assim... só acho que é mais reconhecida porque a gente que mora daqui conserva, gosta das coisas que a gente construiu... que o avô [da gente] construiu sabe. Quando eu era rapazinho novo aqui não tinha tanta casa não, só igreja com pátio enorme e jardins; hoje tem é muita casa, hotel, pousada. Diamantina já não é Diamantina do tempo que eu era jovem, mudou foi é muito. Mas, ainda bem que ficou as paisagens que eu lembro, pois muitas quando eu nasci já tinha né, e outras eu vi fazendo ou melhorando. Pode ser por isso que a cidade é tão visitada, o povo deve ter curiosidade de ver essas casas, igrejas conservadas, esses prédios que é nosso (sic) (ZUZU, 2012).

O interlocutor destaca que as paisagens, aqui compreendidas como os patrimônios, são de obras que pertencem ao povo diamantinense, destacando, de certa forma, o sentido de pertença; e deixando claro que estas paisagens fazem parte, como testemunhas, de sua história e de amigos. Zuzu destaca, ainda, que todo turista que se aproxima dele, de uma maneira ou de outra, associa à cidade alguma referência de Patrimônio. E neste contexto, a indagação que surgiu foi: “Mas, o senhor não acha que Diamantina merece ser um Patrimônio da Humanidade?”. Sentado em uma das cadeiras na sala de estar, ele se levanta e vai em direção à cozinha. Minutos depois volta com um copo de café e diz:

*Uai, mas que pergunta você acha que aqui não merecia ser Patrimônio da Humanidade? Uai, você acha que aqui não merecia? Oh, pelo estilo da cidade [Diamantina] quem é Mariana, Ouro Preto, Vitória, Rio de Janeiro viu. Aqui é uma cidade que mostra a história. Eu preservo tanto fora de casa como dentro, até as telhas. As telhas, as ruas, as paisagens, **a gente daqui faz essa ser patrimônio**. Eu vejo patrimônio como isso. E vejo mais viu, vejo como se fosse algo para a gente conservar, para lembrar o que eu lembro, então não tem como não ser patrimônio não [...] (sic) (ZUZU, 2012, **grifo nosso**).*

Pela fala do Sr. Zuzu, verifiquei que o sentido de Patrimônio por ele percebido, provoca nele um sentimento de orgulho ao destacar que foram as pessoas que ali residiram, e as que ainda residem aí que fazem o Patrimônio ser reconhecido, sendo, aliás, importante a preservação de tudo aquilo que para ele possa ter significado e significância, percebendo ele, aliás, a relevância de diferentes paisagens como elementos que o possibilitam lembrar o passado. Ali, na sala, destaquei a relevância dos patrimônios de Diamantina para a história do Brasil, a exemplo dos patrimônios: casa de J. K; de Chica da Silva, as inúmeras igrejas (como retratos da arte barroca - CASTRO & DEUS, 2011; DEUS, 2016), praças, becos, dentre outros elementos que foram testemunhas de uma etapa importante para a história do país, onde Diamantina- outrora, Tijuco-, era um sítio notabilizado por sua riqueza.

Olhando para mim com uma expressão dúbia, o senhor Zuzu destacou que sempre morou ao lado da casa da Chica da Silva (FIGURA 03), mas que para ele a casa, em si, não tem nada de muito diferente da sua, embora seja, mesmo assim, considerada um patrimônio. Porém, na sequência, ele destacou que o que difere um patrimônio oficialmente reconhecido da sua casa é a importância da história e a preservação das paisagens, pois tais dimensões da realidade podem narrar a formação cultural de um povo.

Figura 03 – Fachada da residência da ex-escrava (Diamantina/MG).



Fonte: ALVES, R. C. (2012).

Zuzu destacou que aproveita a presença dos turistas à porta da sua casa para destacar a trajetória de um filho ilustre da cidade, sobressaindo-se aí a sua admiração ao J. K, pois, “[...] *quando um turista se aproxima para perguntar sobre a Casa da ex-escrava*”:

[...] eu chego neles e falo assim: “Olha, pera aí, deixa eu te falar aqui, por um acaso o senhor perguntou por uma pessoa que foi muito famosa no Brasil; mas no Brasil”? É assim que eu falo com eles. Ai ele falou: “Qual... qual famoso o senhor fala”. Eu falo: “O senhor doutor Juscelino Kubitschek”. Ai eles falam assustados: “Uai, mas, você está louco, uai você conheceu Juscelino”. Eu falo com eles rasgado: “Eu fui amigo dele, ele era daqui, ele cansou de querer me levar para Brasília e eu não quis. Ele falavam vem comigo, você vai conhecer uma cidade que esta começando agora, você vai se ambientar lá”. Eu falei com ele: “Não doutor eu não saio da minha cidade?” (sic) (ZUZU, 2012).

Para Zuzu falar sobre o passado deixa-o comovido, resgatar em sua memória as pessoas que marcaram a sua vida, como Juscelino Kubitschek, é realizar uma volta a tempos para os quais ele desejaria retornar, uma vez que através dos nossos diálogos, ele destacou que falar deste passado é retratar, de diferentes maneiras, o que ele viveu, pois “[...] *quando eu falo dessas coisas para você, eu penso de como eu vivi aqui nestas ruas, nestas praças, nesses becos daqui viu. Eu [me] lembro de como era a minha vida; e cada vez que vejo essas paisagens eu [me] lembro da minha vida como se fosse hoje. É vive de novo. Eu lembrando gostaria de viver ela de novo*” (sic) (ZUZU, 2012).

Percebendo que destacar o passado é para o sujeito uma forma de estar e se fazer no presente, podendo refletir sobre o grau de importância que este percebe na preservação das paisagens da cidade, dado que a presença de turistas, ali, é constante, e um dos atrativos para que ocorra esse fluxo são as paisagens que formam o patrimônio diamantinense, Zuzu, ali, ainda sentado no sofá, cruza as pernas e coloca a mão no queixo como se fosse pensar no que responder, e, na sequência, destaca:

É engraçado essa coisa de paisagem que tanta gente fala que daqui é bonita, porque pra quem mora aqui esses casarões, ruas, que é muito igual desde a minha infância, não é tão admirada por nos como é pelos turistas que vem aqui; esses que vem aqui na porta e passam toda bora. A gente criou os filhos, a família, fez amizade, para nós aqui, pelo menos para mim né? [risos], é lindos; mas os turistas ficam mais assim que a gente. A história daqui todo mundo conhece, ou quer conhecer, eu gosto de vê as coisas e falar assim como com você agora porque vou [me] lembrando das coisas. Pra [você] ter ideia nem foto assim eu tenbo de tempos atrás, mas quando eu vou falando eu vou lembrando. Falar do meu passado e das paisagens aqui me deixa feliz porque eu vou contando e eu sinto aquele tempo lá de trás, de tempo de J. K., da juventude no beco da mota, dos tropeiros lá mais embaixo [...] (sic) (2012).

A casa de J. K., como já sinalizei, é para o Sr. Zuzu o maior atrativo da cidade e, em especial o faz lembrar-se da residência de sua mãe. Ele gosta de visitar esta casa porque ela lhe faz lembrar-se de sua mãe ao olhar alguns materiais que a constitui, pois “[...] quando chego naquela cozinha, a melhor parte da casa da gente é a cozinha né [risos], eu vejo que é igual a lá de casa da minha mãe, é igual da época da minha mãe, até as colher é igual” (sic) (ZUZU, 2012), (FIGURA 04).

Figura 04 – Cozinha da residência de J. K., destacando o fogão de lenha e utensílio (Diamantina/MG).



Fonte: ALVES, R. C. (2013).

Neste momento, o Sr. Zuzu me convida para irmos à cozinha da sua casa, então seguimos em direção ao corredor e entramos no cômodo em questão. Ali ele manda que eu puxe uma cadeira e que me sente; e num instante eu arrasto uma cadeira e o aguardo, quando ele, vagarosamente, ascende uma boca do seu fogão e coloca uma panela de alumínio com água para ferver. Na sequência, abre uma gaveta do seu armário e retira uma colher branca, coloca três medidas de açúcar na panela que levou ao fogão e três de café no coador de pano; alguns minutos depois estende a sua mão direita e me entrega uma xícara de café.

Quando começo a degustar a bebida, Zuzu declara:

Eu falei da casa de J. K., mas eu podia falar da casa até da Chica ou do Bispo que é aqui do lado da minha casa oh. Mas, eu falei daquele patrimônio lá né, porque quando eu entro ali eu olho para o fogão de lenha, para as panelas, os copos de alumínio pintado de branco. Eu vejo aquilo ali e lembro[-me] da minha mãe e do meu único irmão. Eu acho que o patrimônio é isso [...] (sic) (ZUZU, 2012).

Para Zuzu, visitar a casa de J. K., significa a possibilidade de ele voltar ao passado, de relembrar as pessoas que passaram a maior parte da sua vida ao seu lado; é perceber em detalhes – como em um copo de alumínio, uma colher de pau ou um fogão de lenha –, elementos que para ele, têm significado e que, nele, provocam emoções. O patrimônio se apresenta, neste contexto, como elemento que permeia uma história, capaz de fazê-la sempre viva, (re)contada e ressignificada, de geração a geração.

Quando eu vou à casa de J. K., muitas vezes com a minha filha e o marido dela, eu consigo lembrar da minha mãe, que deixava ao lado do fogão de lenha uma moringa de barro e canecas de alumínio com água fresca para diminuir o calor, porque naquele tempo não tinha geladeira, então a gente bebida água era na moringa. Lá em J. K. [casa] tem, [moringa] dá até para você vê depois. Eu falo com a minha filha bem assim: “Ob, foi num fogão igual esse aí, essas panelas, colheres, lá tem até uma panela de bronze igual da minha mãe né, que sua avó fazia os potes de doce que eu gostava”. Minha filha fica toda emocionada vendo tudo que falo [...] (sic) (ZUZU, 2012).

Entre as conversas e as lembranças que o Sr. Zuzu resgata, fica claro o papel preponderante da paisagem, o significado que dela pode emergir, conseguindo ela evocar experiências de vida. Experiências, aliás, que marcaram a sua vida em família, possibilitando-lhe, a presença do Patrimônio, repassar tais lembranças para sua filha. É nesse sentido que ele destaca que “*Eu falo com minha filha que nunca [me] lembro do fogão de lenha da minha casa [casa de sua mãe] sem lenha; uai, até porque à noite o que iluminava era os lampiões de querosene e as chamas do fogão de lenha, né?*” (sic) (ZUZU, 2012). Para Zuzu a cozinha da sua casa era o local de encontro da família, experiência sempre lembrada quando vai visitar a casa de J. K.

Menino aqui as ruas era tudo de iluminação feita por lampiões de querosene. Essa rua [do contrato], a de J. K., da Igreja da Catedral, da Chica, tudo era assim, eu vi, eu lembro toda vez que passo ali, só olhar eu lembro. E como não tinha muita luz em casa né, era na cozinha que todos se reuniam à noite, em volta da mesa de madeira para conversar no cômodo mais iluminado da casa, clareado pelas chamas do fogão de lenha, igual da casa de Juscelino; e as brasas ainda esquentava a casa toda, a gente ficava a noite todo quente [...] (sic) (ZUZU, 2012).

Relembrar fatos de uma vida experimentada, através das paisagens, é para Zuzu um exercício que remete à alegria, que possibilita rever e contar “causos” de quando ele era mais novo e não tinha a dimensão da importância de detalhes, que para ele outrora era

banais, mas que agora se fazem importantes, pois lhe ajudam a construir a sua história enquanto homem.

Tem gente que fala que aquela época era difícil. Mas era um difícil que eu queria de ter de novo. Eu olho para as fotos na casa de J. K. [museu] e lembro de muita coisa da minha vida que queria ter aproveitado mais. Um abraço da mãe, é uma namorada que tinha, que ela morava atrás da casa da Chica, mas que não deu certo. E falo mais, me lembro de muita coisa, pela minha idade; olha que eu não sou mais jovem não. Eu me lembro, olhando para o fogão de J. K., do fogão lá de casa que nunca apagava uma única hora!! Entre o café da manhã, o almoço, o café da tarde, até a janta, minha mãe sempre fazia alguma comida; ou um pão de queijo, bolo de fubá, broa, torresmo que pai gostava, galinha caipira. Lembro que quando eu saía da escola, lá da escola normal, eu passava correndo na rua direita e ia passando em frente a casa da Chica, via aquela minha paquera, e mãe logo gritava da porta mandava a gente [ele e o irmão] bate carne para fazer paçoca, quando ela não fazia carne de lata (sic) (ZUZU, 2012).

Já à noite, me despedi do Sr. Zuzu, com a promessa de nos reencontrarmos no dia seguinte. “Seu” Zuzu me leva à porta de sua casa e ali nos despedimos. Na manhã seguinte o reencontrei e desta vez ele me recebeu em frente à sua residência e logo me convidou para tomar café. E declarou que após eu ter ido embora, ficou pensando sobre a nossa conversa, e que ia lembrando de cada coisa que pronunciou sobre o seu passado em Diamantina, e conseguia relembrar mais pessoas e paisagens (re)construindo, em sua mente, diversas cenas.

Ele declarou, ainda que, quando acordou, a primeira coisa que fez foi ir para a sacada de sua casa, pensando em observar alguma coisa para poder me relatar, buscando em sua memória algo que fosse, no seu ponto de vista, importante para mim. Ele revelou que, já na sacada, avistou a casa da Chica e observou as treliças que formavam uma das janelas daquela residência. E, já tomando um “gole” de café, em sua companhia, me disse: “Hoje cedo vi a janela da casa da Chica e lembrei de você”. Neste momento, rindo, perguntei-lhe por que, e na sequência me revelou:

Eu falei da casa de J. K. para você ontem e falei tanta coisa da minha vida que sempre guardei na cabeça; e a janela da casa da Chica me lembrou mais coisa. Sabia que aquela rede que tem na janela dela [treliça] é feito de pau e de bambu de taquara. Eu lembrei de você porque quando me perguntou do patrimônio de Diamantina e das lembranças eu nem sabia te responder direto né, só de J. K., mas sabia que eu lembrei de um patrimônio olhando para aquela janela? É eu [me] lembrei da escola onde eu estudei [...] (sic) (ZUZU, 2012).

Ao ouvir as impressões de Zuzu, relevando que ao olhar para uma janela, e mais especificamente para as treliças que compõem uma das janelas da residência em que outrora viveu a ex-escrava Chica da Silva, fiquei impressionado com a possibilidade que o homem tem de relembrar histórias através dos usos dos seus sentidos cognitivos, no caso, aqui, a visão (TUAN, 1980; PIAGET, 1996). Ao falar sobre as treliças, “Seu” Zuzu se

lembrou do prédio em que funciona a atual prefeitura de Diamantina, em que, em seu tempo de menino, funcionava a escola normal- estabelecimento este do qual o interlocutor conseguiu lembrar, pela lembrança que tem das treliças que havia em uma das janelas da sala em que um dia estudou.

Seguimos, então para a mercearia, saindo da rua do contratador e observando a sede do Bispaço, onde, olhando para o chão, “Seu” Zuzu disse: *“Essas ruas aqui todo mundo reclama que é cheio de pedra, mas todo mundo quer vim pisar nela. Eu andei, e ando muito, e aqui sempre foi assim, eu tinha um Chevrolet 1951 que andava para todo canto com ele, quando não ia a pé. Andava neste pé de moleque tudo, ainda bem que tem ainda [...]”* (sic) (ZUZU, 2012). “Seu” Zuzu andava pelas ruas me falando de cada lembrança que ele tivera, evocado pelas paisagens. E seguindo a rua do contratador ele pediu que fôssemos ao Beco do Mota, local que fica bem próximo a sua casa. Olhando para as sacadas das casas neste Beco ele indagou: *“O que você acha desses prédios? [...]”* (sic) (ZUZU, 2012). Respondi que os achava peculiares, com uma arquitetura diferente; que em nenhuma outra cidade em que já tinha ido, encontrara tantos detalhes nas casas, nos estabelecimentos comerciais, nas lojas...

Ele deu um sorriso, colocou a mão direita no meu ombro e disse: *“[...] aí onde fica estas casas, neste Beco aí, era o local das festas dos homens. Se as casas falassem, imagina [risos]”* (sic) (ZUZU, 2012). “Seu Zuzu” olha para as paisagens que formam o Beco do Mota e se lembra das serestas que antigamente fazia para as namoradas; e muitas vezes as serestas que ele fazia eram para “as mulheres da vida”. Ele recorda, com saudosismo, da *“[...] boemia que era aqui atrás de onde só tem casa. Hoje só tem casa de família, mas antes só tinha festa pra gente fazer porcaria [risos]”* (sic) (ZUZU, 2012).

No final do Beco do Mota chegamos à mercearia; estabelecimento comercial que possui alguns degraus feitos de cimento que facilitam o acesso a ela. Zuzu, cansado, sentou-se, ali, no segundo degrau e falou: *“É aí, a história de Diamantina é aí, essa igreja [Catedral] não era assim; a igreja era de pedras, bem pequenininhas, era assim desse tamanho [juntando os dedos polegar e indicador da mão direita de forma a indicar o seu tamanho], bem pequeno mesmo [...]”* (sic) (ZUZU, 2012).

Olhando para a frente da atual Catedral ele percebe o movimento de transeuntes e fala com certa entonação: *“Quando era menino, aqui onde tem esses carros [táxis], tinha era um coreto com pirulito de cimento e um jardim bonito, e aí tinha um poste com a luz de hulha-branca². Hoje tudo mudou, mas ainda vejo tudo como era antes aqui [...]”* (sic) (ZUZU, 2012) (FIGURA 05). “Seu” Zuzu olha para aquele templo e fala dele como uma paisagem que desperta saudades

² Referente à “[...] produção de energia elétrica gerada a partir das cachoeiras ou de outras quedas de água com potenciais hidráulicos” (Fundação João Pinheiro - FJP, 2004, p. 81).

nele e que simboliza a sua fé, tendo ele chegado a fazer três (03) vezes o sinal da cruz durante o tempo em que ficamos juntos, ali, sentados. Assim, olhando para esta paisagem parece que “Seu” Zuzu tem o mesmo sentimento que Andrade (1982, p. 23-24) quando este destaca a “[...] saudade imensa da velha Igreja da Sé, onde ganhei minha crença, onde aprendi a ter fé. E sob o peso da idade, da vida perdendo o pé, mais viva sinto a saudade da velha Igreja, onde fiz amigos, onde bati o sino, onde me fiz em fé”.

Figura 05 – Antiga praça do Centro (Diamantina/MG)



Fonte: Arquivo fotográfico de Zé de Sé (2013).

Em seguida, ajudei o Sr. Zuzu a se levantar e logo ele entrou na mercearia onde fez as suas compras; do lado de fora do estabelecimento eu o aguardava. Zuzu pouco demorou, e logo fomos em direção à sua residência, desta vez indo pela Rua Direita, a qual fica ao lado do referido estabelecimento. Peguei as sacolas que ele estava carregando e fomos conversando sobre a mudança da Igreja e como a população local é estreitamente ligação à religião, principalmente ao Catolicismo.

Nestes diálogos/interlocuções com o Sr. Zuzu, fica claro que as paisagens de Diamantina, desde um detalhe de uma treliça em uma das casas mais visitadas na cidade, até a Catedral de Santo Antônio, trazem lembranças de uma vida que possibilitam vivenciar, pela memória e através da percepção, histórias como as de amigos, familiares e as promessas de fé. Para esse senhor, Diamantina, e seus patrimônios, representam a história que é do seu pai, da sua mãe e também sua, lembrando-se, ainda, dos amigos e da filha. Pois, olhando para cada paisagem, *“nesses casarões, e falando com você eu vejo o quanto eu vivi e o quanto foi bom. E fico feliz por vê e sentir isso. Esse patrimônio que você fala, quando eu olho para ele eu sinto o que vivi; para mim fica tão normal o patrimônio porque ele faz parte da minha vida [...]”* (sic) (ZUZU, 2012).

O significado do patrimônio de Diamantina, através das paisagens com as quais, ali, eu e Zuzu, por vezes, nos defrontávamos em nossa caminhada; e outras, resgatadas e descritas pela memória deste homem, destaca a importância desta categoria conceitual de análise geográfica para e na construção da identidade cultural, especialmente em termos das relações topofílicas construídas, dado que, como registra nosso interlocutor, é pelas “[...] paisagens que eu vejo [na rua] e que já construir não percebo tantas coisas ruins, não me vem a cabeça nada além dos tapas que levei de mãe debaixo do abacateiro de casa [risos], pra mim a paisagem me lembra mais coisas boas daqui [Diamantina]” (sic) (ZUZU, 2012).

Para este diamantinense, o seu lugar é ali, naquela cidade, onde se sente seguro por ser o seu espaço pessoal, onde foi capaz de construir amizades, de edificar paisagens e de ser detentor de uma história que é sua, mas que foi construída pelo contato com o Outro, em especial, sua família. Viver o resto dos seus dias em Diamantina me parece ser uma maneira que ele encontrou de reviver/ressignificar sua própria história e reencontrar seus amigos, neste lugar, através das memórias que emergem da representação e dos significados de algumas paisagens aqui expostas.

Buscando perceber, ainda a relevância do patrimônio arquitetônico e urbanístico de Diamantina para a construção da identidade cultural local, tentei procurar outro diamantinense que residisse no centro, mas cujo domicílio se localizasse um pouco mais afastado do núcleo central da concentração dos elementos tombados. Então, no mês de Agosto de 2012, iniciei novo trajeto.

A cada ida a campo em Diamantina, saindo de Montes Claros/MG e chegando à cidade dos diamantes, por algumas vezes, de ônibus, percebia que próximo à estação rodoviária havia uma praça que concentrava um contingente de idosos, principalmente nas manhãs e nos fins das tardes. Reforcei a ideia de não procurar alguém que fosse um personagem popular da cidade; queria avaliar a percepção do sujeito que caminha naquelas ruas tortuosas, do homem e da mulher que faz as suas compras, ou do idoso que joga damas na praça com os colegas; para captar o que ele percebe, sente, quando olha o patrimônio. Sendo assim, desloquei-me do prédio popularmente conhecido como “Casa da Glória”, local de estadia no período deste campo, e segui um trajeto rumo à rodoviária da cidade, objetivando encontrar um sujeito que pudesse estar na praça ao lado. E foi ali, no largo Dom João que realizei o segundo ensaio etnogeográfico, especificamente em um banco de praça.

Saindo, então, de um ensaio que se construiu, na maioria dos diálogos, em uma casa, e iniciando, agora, outra experiência, no espaço da rua, percebi que tais espaços são realmente contrastantes e distintos, embora de acordo com Da Matta (1985, p. 48), estejam

em sintonia, pois “[...] a rua tem seus espaços de moradia e/ou de ocupação, e a casa também tem seus espaços arruados”. Mas, nesse contexto, me vejo a continuar a pesquisa em dois espaços, que o supracitado autor denomina como subespaços, onde transito entre diálogos narrados dentre o *ambiente*³ da casa para a sala de visitas de uma cidade: a praça. Praça essa com a qual adquiri intimidade, quando ao subir a rua São Francisco e chegando ao largo Dom João, deparei-me com alguns senhores sentados em bancos daquela praça que sempre me chamou a atenção. Sento em um banco meio afastado de um grupo de senhores e começo a observá-los. Aparentavam, em sua maioria, já familiarizados entre si; alguns conversando e outros jogando damas. Ao me aproximar de um dos bancos, me ofereço para jogar damas, e daí início um novo ensaio.

Ensaio que se fez ao eu me decidir a jogar damas, mais especificamente com o senhor conhecido como Luiz da Sá, dentista aposentado, de 78 anos, natural de Diamantina; homem, de cor “parda”, de baixa estatura, que usava óculos escuros, e... Conforme o jogo ia se desenvolvendo é que os diálogos foram travados. O Sr. Luiz me confessa que quase em todos os dias vem a essa praça, senta-se no mesmo banco, principalmente na parte da manhã, pois gosta de “[...] *pegar um sol e fugir lá de casa, a mulher começa a arrumar [a casa] e eu fico inquieto*” (LUIZ, 2012); nesses momentos ele aproveitaria, ainda, para rever amigos e contar histórias, recordando-se, principalmente, de fatos que ocorreram naquele lugar, onde hoje se situa a praça do largo, mas que, em 1950, não era assim.

Para o Sr. Luiz, no local onde hoje se têm os bancos da praça, em 1950 “[...] *tinha era eucalipto, aqui onde o pessoal está sentado; era tudo verde com verde do eucalipto, as ruas eram de chão mesmo, uma lama danada, onde não tinha esse cimento daqui [bate um dos pés no chão como se tivesse indicando o calçamento]. Aqui só ficou mesmo essa central do trem e o seminário*” (sic) (LUIZ, 2012) (FIGURA 06).

³ Vale ressaltar que, aqui, os ensaios buscam perceber o que o sujeito lembra, recorda e sente, através da imersão de sua memória, de fatos e experiência que dão sentido a sua vida, buscando através das representações das paisagens de Diamantinas histórias e fatos sociais que são desvendados à luz da compreensão dos significados que o próprio sujeito estabelece. Então, realizar o ensaio fora do cotidiano natural do pesquisado poderia criar situações artificiais que falsificassem a realidade e produzissem dados a partir dos quais eu pudesse fazer interpretações equivocadas (RICHARDSON, 1999).

Figura 06 – Largo Dom João (Diamantina/MG)



Fonte: Zé de Sé (2013).

Para o Sr. Luiz, jogar damas naquela praça é algo que lhe faz lembrar muitos fatos e momentos que foram vividos naquela cidade. Destaca, ainda, que ao jogar damas com os seus amigos, as conversas que são desenvolvidas por eles são em torno, na maioria das vezes, da época da infância e da juventude. Revela que não existe uma aversão à dinâmica em que ele vive por possuir uma idade considerável, mas- para ele-, lembrar outros tempos é uma forma de dar sentido à sua vida hoje. “*Você pode até achar que sou choroso meu jovem, mas é que quando a gente vive com história, na idade que eu estou são elas que a gente busca para seguir. Eu sei que aqui neste banco eu converso e [me] lembro de coisa [...]*” (LUIZ, 2012). Luiz se mostra saudoso do tempo da juventude; destaca que encontrar os amigos e lembrar os momentos que viveu, ou as mudanças que percebe na paisagem, são experiências que o deixam feliz- sentimento este que é justificado no momento em que “[...] *ao lembrar das paisagens eu lembro das minhas namoradas, da minha mulher, dos jogos de golzinho aqui. Eu lembro do que fiz uai?*” (sic) (LUIZ, 2012).

Parando o jogo que estávamos tentando desenvolver, meu interlocutor enfatiza: “*Meu jovem, você é novo, tá estudando, mas muita coisa que eu vivi e que todos [que] vêm aqui [turistas] é pra vê aquilo que eu vi e vivi pessoalmente. Essas paisagens aí tudo, ou quase, eu sei o que é [...]*” (sic) (LUIZ, 2012). Na sequência, ao deslocar algumas peças do tabuleiro, questiono em que sentido ele percebe a paisagem; e porque ele acha que as pessoas querem visitar Diamantina para vê essas paisagens.

Neste momento os amigos do Sr. Luiz, que estavam no banco ao lado, levantam-se e despedem; e o meu interlocutor revela que não sabe ao certo o porquê desta visitação, mas “[...] *imagino que deva ser por causa das histórias que tem esse patrimônio que   daqui. Eu tenho*

orgulho de dizer que sou daqui por causa dos patrimônios. E quando eu falo que é a paisagem, por que é” (sic) (LUIZ, 2012).

Luiz, após ganhar a partida de damas, levanta-se do banco, retira os óculos e me convida para almoçar em sua casa; em residência que fica em frente à rodoviária, ao lado de dois hotéis. Agradeço o convite e justifico dizendo que já tinha outro compromisso, mas peço que no dia seguinte possamos continuar a nossa conversa. Este responde que “[...] *hoje dá para conversar mais, nunca vi velho ter tempo cheio* [risos], *encontro com você aqui no banco à tardinha, lá pra 05h00 da tarde, viu?*” (sic) - (LUIZ, 2012). Confirmando, o nosso encontro e o acompanhamento até a porta de sua residência.

Desde as 16h00 horas aguardava, na rodoviária, o Sr. Luiz para a nossa conversa; e às 16:45 ele aparece em frente ao portão da sua casa, indo de encontro à praça, sentando-se no mesmo banco em que estávamos na parte da manhã. Ao chegar próximo ao banco, ele destaca: “*Uai é mais pontual que eu [...]*” (sic) - (LUIZ, 2012), e retornamos à nossa conversa. O Sr. Luiz declara que no almoço, junto com a sua mulher, ficou pensando porque as pessoas visitam a sua cidade. Ele destaca que “*Diamantina é conhecida como a cidade que tem muitos patrimônios, talvez por isso o pessoal vem aqui visitá-la [...]*” (sic)- (LUIZ, 2012). Patrimônio que, para ele, “são paisagens que eu vivi ao redor, que meu pai contava às histórias que aconteceu”. Ele se levanta do banco, ergue o braço direito e aponta o dedo indicador para a direção do mercado velho e diz: “*Ali é um patrimônio, ali tinha muito tropeiro, eu vi alguns aqui chegando com as mercadorias, punham os animais amarrados lá nos pirulitos. Eles vendiam os produtos, traziam todo tipo de coisa da redondeza, trazia principalmente de Mendanha* [distrito de Diamantina/MG] - [...]” (sic) (LUIZ, 2012). E observe-se que o sentido e significado de patrimônio que este senhor destaca, ultrapassam a ideia de elementos a partir dos quais é possível se narrar uma história; para ele, os patrimônios em Diamantina são elementos que ele reconhece enquanto bens que fazem parte da história de sua vida, desde as lembranças que emergem ao olhar uma igreja como o desenho do chão próximo a sua casa. Frisa ainda que:

Os patrimônios daqui sempre fez parte da vida da gente, porque a gente nasceu e eles já tava aqui, ou nosso país contava, ou então a gente participava da construção, como a igreja lá de baixo [catedral]. O Patrimônio famoso que o turista vem vê é essa que a gente vive todo dia e que faz parte da vida de todo mundo, pois a gente acorda e vai comprar pão, e do lado da padaria tem as igrejas, os museus, não tem como não sentir elas como parte da história da gente [...]. Patrimônio então pode ser tudo que é da gente, além daqueles que o povo visita porque é chamativa. Eu acho que a gente respeita, eu, pelo menos, entendo assim, o patrimônio porque faz parte da vida da gente. A cada de J. K., que é perto daqui de casa, e o mercado que eu te falei, é patrimônio. No mercado mesmo eu vi muitos tropeiros trazendo farinha, carne, feijão, rapadura, tudo vindo nas costas da mula. Meu pai falava pra mim, eu falei desses para meus filhos, e eles vão falar para os deles, porque isso é daqui [história da cidade], que vai para todo mundo [...] (sic) (LUIZ, 2012, grifo nosso).

Fica evidente que as histórias dos patrimônios, como as do Mercado Municipal e da Catedral de Santo Antônio de Sé, apontados por Luiz, são representações que trazem para ele lembranças do pai, da infância e que remetem à saudade de um tempo que foi, mas que ao se olhar para tais elementos tombados, se consegue reviver.

Perguntei ainda ao Sr. Luiz quais seriam as lembranças ruins que emergiriam quando ele olha para alguma das paisagens que ele reconhece como patrimônio em Diamantina. Mas para ele não há paisagens ali que lhe tragam tristeza; existem algumas que lembram fatos tristes, mas são aquelas que os turistas gostam de visitar, como o Mercado; dado que, para ele, era um lugar sempre “[...] *cheio de tropeiro. Tropeiro que às vezes ficava dias sem vê a família. Eu via o olhar de sofrimento, mas não só né, mas ficou gravado, também, na minha memória isso*” (sic) (LUIZ, 2012). Outras paisagens, pra ele, também ficaram gravadas e ao olhar, por exemplo, para a rua acima da rodoviária ele registra que, “[...] *lembro da minha mãe com saudade, dela vindo de lá para vir aqui em casa. Eu olho para a rodoviária e penso nela direto. É uma paisagem que me dá saudade, ela morreu ali próximo, foi doença de coração [doença de chagas]*” (sic) (LUIZ, 2012). Já anoitecendo, Luiz nos comunica que tinha um compromisso, e que no dia seguinte estaria em um dos bancos da praça, como o era de costume. Eu o acompanhei até a porta da sua casa, e na sequência agradei a sua companhia, afirmando que no dia seguinte eu estaria naquele banco da praça para conversar mais sobre Diamantina e daquelas suas lembranças.

No dia seguinte, às 08h30, eu já tinha acordado, tomado uma xícara de café e estava chegando próximo à praça no Largo Dom João... E ali, próximo a rodoviária o senhor Luiz me avistou e me chamou, dizendo que queria ir ao Corpo de Bombeiros, que, aliás, se localiza em frente à rodoviária, pois ele gostaria de me mostrar alguns detalhes que fazem do seu bairro, um patrimônio local. Prontamente me prontifiquei e subimos alguns degraus que davam acesso à sede do Corpo de Bombeiros. Na entrada, o Sr. Luiz tira seus óculos escuros e destaca: “*A gente falou de paisagem, de patrimônio, eu falei de coisa da minha vida, mas não falei dessa aqui, ob!* [apontando para uma sala que fazia parte do prédio], *a Maria Fumaça, viu Rahyan?*”. Destacou que na hora em que me despedi dele, em frente ao portão de sua casa, ele teria aberto a porta e ido para o local em frente à rodoviária onde teria ficado olhando para a sede do 3º Pelotão do Corpo de Bombeiros, e a cada minuto em que ele observava a paisagem parecia que de mais coisas ele ia se lembrando, como se ele estivesse dentro da Maria Fumaça, em uma das suas viagens para Belo Horizonte.

Ele afirmou que tinha me convidado a ir ao prédio que hoje constitui a base do 3º pelotão do Corpo de Bombeiros, para que ele pudesse me mostrar o patrimônio que ele

leva na memória e que faz parte da sua história; pois, naquele local outrora funcionou a estação ferroviária.

Aqui onde é o bombeiro era a Central do Brasil, a Maria Fumaça entendeu, era o trem de ferro meu filho. Saía daqui por volta de 05:30 às 06:00 horas e chegava em Belo Horizonte lá para 12:00 lá vai fora. Eu vinha e ia direto nele, muita gente daqui, eu gosto demais que vim aqui, pois é um lugar que foi ponto de encontro, mas de desencontro também. Local onde vinha minha mãe, minhas tias, minhas namoradas, paqueras. Cada chegada do trem, e o barulho do sinal que ele fazia, era uma emoção diferente, alguém que vinha [...] (sic) (ZUZU, 2012).

Este prédio faz parte de um dos elementos patrimoniais reconhecidos pelo município, onde, mesmo com algumas mudanças estruturais para servir de base para o corpo de bombeiro, preserva a fachada. Luiz adentrou ao prédio e destacava alguns pontos do local, como o símbolo da Central do Brasil e a pequena janela de madeira que constituía a bilheteria da estação (FIGURA 07). Nosso interlocutor aponta que não gostaria de ver aquele prédio modificado, pois seria “[...] a perda de um dos locais que me faz vê o quanto o tempo passou [pelas mudanças observadas no prédio], mas o quanto valeu a pena viver o que vivi aqui” (sic) (LUIZ, 2012).

Figura 07 – Lateral da antiga estação ferroviária com o símbolo da Central do Brasil (Diamantina/MG)



Fonte: ALVES, R. C. (2018).

O sentimento acionado pelo interlocutor reforça a importância da preservação de lugares, como este que foram pontos de encontros, embarques e desembarques; tendo especificamente este, sido reutilizado, na atualidade, para outros fins- no caso, para atender aos interesses de uma corporação-, e através deste processo teria sido viabilizada a preservação do prédio, ainda que refuncionalizado.

O Sr. Luiz coloca os óculos e desce os degraus, indo de encontro aos amigos para fazer o que é de costume deles: jogar damas. Já na praça, sentado em um banco eu

pergunto ao interlocutor: “O que o senhor acha que faz Diamantina ser tão especial?”. Ao lado dos amigos este destaca: “*Olha ao meu redor, os amigos, a cidade. Diamantina é igreja, é a fé, é a casa de J. K., de Chica, é mercado. Diamantina é Diamantina por que nós a fizemos e somos assim [...]*” (sic) (LUIZ, 2012).

Diamantina, entre suas paisagens e seus patrimônios, torna-se significativa e tem significado, porque foi ali que os moradores, como o “Seu” Luiz, declaram ter construído a sua vida, construindo paisagens; fazendo parte diária de suas vidas: as igrejas, prédios e casas que são reconhecidas como Patrimônio- termo que ao longo dos diálogos ficou entendido como sendo, para eles, tudo aquilo que têm relevância, de onde conseguem extrair histórias. Para quem visita esta cidade os Patrimônios são exemplos de paisagens erguidas no período histórico do “desbravamento dos sertões” (pra utilizar uma expressão recorrente-, ainda que colonialista e etnocêntrica); mas para este interlocutor, como para o anterior- o Sr. Zuzu-, o que tem atributo de Patrimônio é tudo aquilo que serve de narrativa para as suas vidas.

Depois de realizar esses dois ensaios pensei em procurar algum sujeito que pudesse compartilhar mais lembranças sobre Diamantina, objetivando perceber, pelo olhar do Outro, o significado do patrimônio histórico arquitetônico e urbanístico daquela cidade, mas desta vez buscando, especialmente, um sujeito que tivesse residência afastada do Centro. Então, no mês de Setembro de 2012, estive em campo e escolhi o bairro Rio Grande – nome que faz referência a um curso fluvial que o drena –, para ser o próximo recorte da pesquisa. Trata-se de um bairro que, para Souza (2008) caracteriza, por excelência, a discrepância, na cidade, entre centro e periferia; esta última estando, em termos de saneamento básico e investimentos em aparelhos urbanísticos, muito aquém, quando comparada com a região da cidade onde se concentram os patrimônios.

E, ao andar pelo bairro Rio Grande, deparei-me com uma senhora que estava sentada próxima a uma pequena ponte que dá acesso a este setor da cidade. Ponte pequena, pintada de branco, que recebia um fluxo de transeuntes e veículos de considerável volume. Esta senhora, diamantinense, aposentada, com estatura baixa, olhos claros, cabelos pretos; usando um vestido azul, perguntou: “O que você faz aqui (?). É da Prefeitura?”. Olhei para a Dona Elza, como ela gosta de ser chamada, e ri, explicando-lhe, na sequência o que estava buscando naquele bairro, e explicitando o motivo do trabalho. Ela logo declarou: “*Uai, então sou eu que você vai pesquisar, aqui eu sou uma das mais velhas do bairro, tenho 79 anos, todo mundo me conhece, entra pra casa. É logo ali [aponta o dedo indicador para uma residência que fica quase em frente à entrada da ponte já citada], em frente a esta casa aí da bananeira*” (sic) (ELZA, 2012) (FIGURA 08).

Figura 08 – Vista do Rio Grande (Diamantina/MG)



Fonte: ALVES, R. C. (2018).

E naquele momento, no início do dia, se se iniciaria minha terceira (03) e última interlocução com cidadãos diamantinenses sobre o Patrimônio local. Adentrei a residência da D. Elza, casa pequena, que leva na parede da sala algumas fotos de seus pais, filhos, e um calendário da mercearia do bairro; e sentando-me num sofá vermelho, fui servido com um copo de água por ela que me disse: *“Criei meus filhos aqui, casei eles aqui, eu gosto de quando vem pessoas aqui para eu falar da cidade, porque só quero ir embora daqui dentro de um caixão, tenbo 79 anos e só saio daqui pra ser enterrada perto de casa ainda”* (sic) (ELZA, 2012).

Com tal declaração perguntei a D. Elza a motivação do seu prazer em falar da cidade. Ela aponta que: *“Dizendo, eu me distraio, e eu gosto de [me] lembrar do que eu vivi. Não sei se o que eu vou te falar; vai ser o que é certo [risos], mas eu falo o que eu sinto. já vieram alunos aqui da Viçosa e da Federal aqui me entrevistar, eles gostam de mim [...]”* (sic) (ELZA, 2012). Em seguida, perguntei-lhe qual era sua maior lembrança de Diamantina, tendo como objetivo perceber se ela guardava, em sua memória, o registro de algum patrimônio histórico-arquitetônico reconhecido como elemento e que também se vinculasse ou representasse algum fato que pudesse evidenciar algum sentido de pertença ao lugar, de parte dela. D. Elza levantou-se do sofá e foi em direção à cozinha, mas logo voltou com uma garrafa de café que deixou em cima da mesa central de sua sala; e me ofereceu uma xícara, dizendo:

Na minha idade lembrança eu tenbo, porque quem viveu mesmo tem lembrança. O que mais me marca aqui eu vejo que era o bairro como era antes. Eu sempre morei aqui, e olha aqui não tinha nada, era rancho de capim. Na rua onde a gente tava tinha era postes que eram altos e de madeira, a luz era tão fraca que parecia uma vela acesa, a tal de luz de bulha-branca, com as ruas de terras vermelhas, com buraco em todo canto. As casas eram iluminadas com candeiro de azeite; a casa era toda escura, e pai colocava a gente para capinar, fazer açúcar de rapadura e levar para o mercado [...] (sic) (ELZA, 2012).

Quando destacou o mercado, sua filha saiu da cozinha e sentou-se ao seu lado no sofá; e D. Elza me explicou que sempre ela vai ao mercado com a filha ela fala que “[...] *aquele galpão guarda história do pai, avó, e bisavó dela. Que uma das coisas que eu sempre falo com ela, e para todo mundo [amigos e turistas] é do Mercado*” (sic) (ELZA, 2012). Chamou-me a atenção o carinho que D. Elza tinha pelo Mercado, e perguntei-lhe qual era o motivo de sua ligação particular com tal lugar. Ela olha para a filha e destaca: “*Vou te falar como eu falo pra ela, lá era de tábuas velhas, com um mercado bem antigo, onde os homens usavam blusa de couro, chapéu de boiadeiro, calça dom barbatana, isso ficou registrado aqui, oh! [coloca a mão esquerda na cabeça], e eu não esqueço. Ali é pra mim um lugar que é histórico*” (sic) (ELZA, 2012).

A última frase da interlocutora me despertou a atenção, pois percebi que, para ela, o Mercado era um “lugar histórico”. E na sequência da conversa, destaquei que ficara curioso ao perceber que, para ela, o mercado era um lugar diferente assim, que parecia ser- para ela-, um lugar especial- e antes que eu terminasse de completar a frase, ela respondeu:

*O mercado é especial e histórico porque tem história, pra mim tem. Eu ia com meu pai, hoje vou com minha filha, e sempre vi história lá; eu guardo isso. Pra ter ideia o povo de lá sempre come o tropeiro, até hoje se você for lá na sexta tem, e **quando eu sinto o cheiro de tropeiro eu lembro de lá. Na hora me lembra o tempo que eu era criança, do que eu vivia; a memória. Eu entendo que é histórico [...]** (sic) (ELZA, 2012, **grifo nosso**).*

Para D. Elza, ir ao Mercado parece oferecer uma possibilidade a ela de reviver tempos que passou, ali, com seu pai, de lembrar o local onde via os tropeiros e onde, ainda, vendia a rapadura que produzia. Vale enfatizar que, até pelo olfato, pois destacou que consegue se lembrar daquele tempo, e em especial do seu pai, “*Quando eu sinto o cheiro de um feijão-tropeiro eu [me] lembro de meu pai, do mercado, de nós, lá?*” (sic) (ELZA, 2012).

Após destacar o Mercado e a importância dele para a sua vida, em função da possibilidade de lembrar-se do seu pai, demarcou que se lembra também do prédio conhecido como “Casa da Glória”, pois, em sua experiência diária, ela se recordava que seus irmãos, D. Iolanda e Rubens, tinham estudado num colégio que se situava lá; e era ela mesma quem os levava lá.

E ela relatou ainda que em seus tempos de criança, seu pai lhes dava “[...] *um caderninho, um caderno barato, mas que para comprar era difícil. E se o caderno acabasse antes da hora a gente apanhava. Eu ia, todo dia, buscar meus irmãos da escola das irmãs [atual Casa da Glória], das mães, subia aquela rua grande [Rua da Glória] e era difícil porque só tinha pedra*” (sic) (ELZA, 2012). E ela revelou ademais que, ao buscar seus irmãos no colégio, ia olhando as igrejas da cidade. Igrejas às quais ela leva a sua filha hoje, principalmente à Catedral: “*Aqui quando eu subia para buscar meus irmãos eu olhava para as igrejas e lembro como se fosse hoje, aqui deve ter umas*

vinte. Eu sei o nome de quase todas: a [igreja] do Rosário, Amparo, Mercês, Catedral, da Luz, São Francisco, da Consolação, da Nossa Senhora das Graças, da Saúde, do Bom Jesus, e daí afora” (sic) (ELZA, 2012).

Já na hora do almoço, D. Elza me oferece uma refeição (almoço), na sala de estar, entregando-me um prato com arroz, feijão, batata-inglesa cozida e bife. D. Elza permanece em silêncio, e respeito o seu momento. Mas quando terminamos, ela já me convida para ir à beira do Rio Grande, em frente à sua casa; ela se levanta, sua filha entrelaça um dos seus braços ao braço direito da sua mãe e, nós, três, vamos até lá. Chegando à rua, à beira rio, ela destaca:

Aqui só tinha buraco, só mato, arvoredo e eucalipto. No rio aqui era só trilho, nem tinha caminho. Era uns buraco, só tinha uma rua com a luz no meio, com a luz acesa. O povo lavava roupa neste rio, a água era limpa, corrente, era no rio que lavávamos roupa e panelas, tinha um pouco d'água com um bicão que caiu, tomávamos banho, pescava até lambari. Mas, eu te chamei aqui para vê ali, oh! [apontando com a mão esquerda para a região central da cidade – o centro histórico]. A gente passa a vida inteira indo lá no centro e voltando, mas sempre via a Catedral. A fé aqui é muito forte porque a gente viveu sempre com as igrejas. Tem como esquece se a gente passa na rua e vê? [...] (sic) (ELZA, 2012).

Convergindo para o resgate da memória de d. Elza (nesse cenário...), é sugestivo notar que na literatura se registra que parece que aquelas “águas que se esquiva ao correr, guarda histórias do lugar, que fazem surgir lembrança da escola, das missas e dos lambaris de lá [...]” (ANDRADE, 1982, p. 21-22). Quanto às igrejas, para d. Elza, elas fazem parte da história do diamantinense, pois desde crianças, os habitantes da cidade são acostumados pelos pais a irem às missas e festas, e, nesse sentido, nossa interlocutora reforça que “[...] numa cidade cheia de igreja, quem não vai à missa é pecador; aqui a gente é religioso, e eu acho que muita gente vem aqui visitar por isso, pelas igrejas. Essas que eu acordo olhando todo dia [com destaque para a Catedral]” (sic) (ELZA, 2012).

Nesse momento, D. Elza me pede desculpas por não poder ficar mais em minha companhia, pois teria um compromisso com a sua filha na Santa Casa de Caridade. Eu a acompanho até o ponto de ônibus que fica próximo a uma praça logo depois da ponte que corta o rio. Ela e sua filha ficam esperando o ônibus, e lentamente ela retira de um dos bolsos do seu vestido um passe livre para idosos, e minutos depois, o ônibus estaciona naquele ponto. Ela olha para mim e levemente abre os lábios como quem queria sorrir e me diz: “Olha para o ônibus, é isso daí que você fala e que eu lembro. Diamantina é tudo isso, a gente vive o que viveu” (sic) (ELZA, 2012). Despeço-me dela e de sua filha, e a imagem que fica em minha mente é da sua ida à Santa Casa em um ônibus que, em toda a sua lataria, leva a imagem da Catedral de Santo Antônio, destacando aquele patrimônio e a história daquela gente.

Já anoitecendo, retorno ao centro de Diamantina e adentro o restaurante Grupiara, próximo à Baiúca, onde finalizo meu trajeto nesta etapa da investigação - a qual teve a imersão em campo como fonte primordial de pesquisa, tendo eu conseguido, no processo, “mergulhar”, participar um pouco da vida de alguns diamantinenses, tentando perceber suas lembranças concernentes aos Patrimônios aí inscritos. E... Naquele restaurante, começo a refletir sobre a experiência de produção deste ensaio etnográfico no espaço urbano, dentro da casa das pessoas e na rua, e em que, de alguma forma, foi conseguido, conforme Eclea Bosi (2013, p. 46) destaca, “[...] um ponto de amarração das memórias e de histórias de diferentes sujeitos”, os quais, cada um em seu espaço, conseguiu, pela memória, emergir e faz renascer fatos de suas vidas (DAMATTA, 1985).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifiquei ao longo da minha trajetória de pesquisa que as paisagens acopladas à vivência dos patrimônios, se tornam para os sujeitos da pesquisa, uma espécie de “baú de memórias” onde são depositadas reminiscências individuais e sociais, remetendo à improbabilidade de retomar o passado se não tivesse sido adequadamente conservada o ambiente que o circunda (HALBWACHS, 1990). Pois é relevante assinalar que, pelas paisagens, conseguimos perceber o quanto esses sujeitos recordam de suas histórias; o quanto percebem detalhes aparentemente inexpressivos, como um copo de alumínio, o odor de feijão tropeiro ou os feixes de uma treliça que os fazem lembrar-se de algo que, contudo, se apresenta e se manifesta como tão vívido e significativo para suas histórias de vida. Neste ensaio ficou evidente, portanto, que os patrimônios, ali, são vivos principalmente porque são lembrados e usados por aqueles que ali moram.

É pertinente observar ainda que o significado e representação do patrimônio vão além de um reconhecimento político e histórico, pois associam-se à capacidade de se fazer vida para cada sujeito, a partir da constituição social e afetiva de cada um. Assim, os patrimônios de Diamantina revelaram, para além da imponência das pedras de cantaria utilizadas na sua construção, da graça e aspecto rebuscado de sua arquitetura (CASTRO & DEUS, 2011) e da exuberância de suas formas materiais/tangíveis, a intensidade e densidade da história ali preservada, revelada através dos resgates memoriais da experiência de vida construída pelo contato do homem com o Outro; e da própria reflexão do sujeito sobre o mundo e consigo mesmo, valendo destacar que o patrimônio teve, efetivamente, o poder de criar uma sensação de Lugar, tanto pela sua presença física como imagética, talvez; porque ele simbolize, para os sujeitos, o próprio sentimento humano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda. Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo. In: SERPA, Ângelo (Org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador (BA): EdUFBA, 2008. p. 313-336.

ANDRADE, Paulo René. **Diamantina 1900... quadras sobre “quadras” que não voltam mais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982. 201 p.

AUGRAS, Marya. **Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro: Agir, 1989. 42 p.

ARQUIVO FOTOGRÁFICO. **Zé de Sé**. Disponível em: <<http://nelioblog.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 set. 2013.

BARROS, Armando Martins. O tempo da fotografia no espaço da História. In: NUNES, Clarice (Org.). **O passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992. p. 69-85.

_____. Os álbuns fotográficos com motivos escolares. In: JÚNIOR, Décio Gatti; INÁCIO FILHO, Geraldo (Org.). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Uberlândia (MG): EdUFU, 2005. p. 111-132.

BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em Geografia cultural - algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro (RJ): EdUERJ, 2004. p. 157-180.

BOSI, Eclea. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. **Dispositiva PUC Minas**, Belo Horizonte (MG), v. 1, n. 2, p. 196-207, 2013.

CASTRO, Henrique Moreira; DEUS, José Antônio Souza. Uma abordagem geohistórica e etnogeográfica do Barroco mineiro aplicada aos Estudos da Paisagem nas regiões de antiga mineração do Brasil. **Ateliê Geográfico**, Goiânia (GO), v. 5, n. 3, p. 57-80, dez. 2011.

CHAUÍ, Marilena. O conhecimento: percepção, memória e imaginação. In: _____. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 121-176.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 140 p.

DEUS, José Antônio Souza. Hierópolis e Hierofanias: uma abordagem geohistórica e etnogeográfica da “Cidade-Santuário” de Congonhas imbricada com os Estudos da Paisagem. **Geonomos**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 158-162, 2016.

DEUS, José Antônio Souza [et al.]. Metodologias qualitativas aplicadas ao Estudo da Paisagem no Vale do Jequitinhonha/MG - Brasil. In: VARGAS, Maria Augusta Mundim; SANTOS, Daniele Luciano (Org.). **Tempos & Espaços da Pesquisa Qualitativa**. Aracaju (SE): Criação, 2018. p. 279-304.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1986. 102 p.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e educação**, Ijuí (RS), v. 2, n. 7, p. 19-24, 1987.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Plano de desenvolvimento integrado do turismo sustentável do pólo turístico do Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte (MG): Centro de Estudos Econômicos e Sociais - FJP, 2004. 109 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323 p.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 107 p.

GUIMARÃES, Solange Terezinha de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, toponímia e topofobia. **GeoSul**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 117-141, jan./jun. 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. No se ver uma imagem não se vê nada. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 12, n. 34, p. 303-319, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia**: uma introdução. São Paulo: Atlas, 2009. 297 p.

RICHARDSON, Roberto Jerry (Org.). **Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999. 147 p.

SOUZA, Eliane Bevilacqua Lordello dos Santos. Sobre uma viagem a Diamantina. **Vitruvius**, Porto Alegre, n. 09, p. 01-10, jun. 2008.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. **Cultura, pensamento e ação social**: Uma perspectiva antropológica. University Press, 1985. p. 123-166.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: Difel, 1983. 250 p.